EDIÇÃO HISTÓRICA
PLACAR
Abril
ED.1495 JANEIRO 2023 R$ 20,00
7 893614 112619
Pelé
1940 | 2022

DEFINITIVAMENTE IMORTAL

Pelé sorriu até o fim da vida — o sorriso do adolescente de 17 anos revelado internacionalmente em 1958, na Copa da Suécia, ecoava com luz e emoção nos painéis coloridos dos edifícios modernos de Doha, no Catar, durante a Copa do Mundo.

Era a derradeira homenagem, com misto de apreensão e medo, ao maior jogador de futebol de todos os tempos. Internado no Hospital Albert Einstein, em São Paulo, já em estágio final do câncer de cólon com metástase que o mataria em 29 de dezembro, Pelé era um personagem presente, onipresente e incomparável.

Vão-se, aos 82 anos, a felicidade de seus mais de 1 000 gols, o soco no ar, a mágica do tricampeonato mundial pela seleção brasileira. Não seria exagero dizer que, agora sim, o século XX terminou. A redação de PLACAR gostaria de nunca ter lançado esta edição especial, supondo que a cada 23 de outubro o Rei completaria mais

CAPA: LUIZ PAULO MACHADO/PLACAR

INSTAGRAM @PELE

A derradeira homenagem dos filhos no Hospital Albert Einstein, em São Paulo: uma das maiores figuras da história

um aniversário, eternamente. Como não pode ser assim, cabe lembrar da insuperável manchete do *Diário de Notícias* de Lisboa, em 1973, quando morreu Pablo Picasso: "Definitivamente imortal, Picasso morreu". Fiquemos com Pelé para sempre, com o carinho que ele tratava uma bola de futebol.

[ÍNDICE]

6 **ENSAIO**
O Bilé cresceu, mudou o apelido e conquistou o mundo

12 **HISTÓRIA**
No campo, foi sempre inigualável. Fora dele, foi humano

22 **PELÉ&EU**
Juca Kfouri

24 **MEMÓRIA**
As fotos mais extraordinárias comentadas pelo próprio Rei

36 **PELÉ&EU**
Carlos Maranhão

38 **FAMA**
Ele foi um dos personagens mais conhecidos globalmente

44 **PELÉ&EU**
Sérgio Xavier Filho

46 **O TRI NO MÉXICO**
Os quase gols que alimentaram a lenda do futebol

52 **PELÉ&EU**
Marcelo Duarte

54 **GOL 1000**
Os ecos infindáveis daquela noite de novembro de 1969 no Maracanã

58 **PELÉ&EU**
Maurício Barros

60 **PERFIL**
Os dias incríveis do guarda-costas Ben Brobby, a sombra do craque

64 **HOMENAGEM**
Obrigado, Pelé

66 **HUMOR**
Henfil

revistaplacar | @placar | @RevistaPlacar | placar.abril.com.br | placar@abril.com.br

EDITORA Abril
Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990)   **ROBERTO CIVITA** (1936-2013)

Publisher: Fábio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

PLACAR

Redator-chefe: Fábio Altman
Editor Assistente: Luiz Felipe Castro
Repórter: Leandro Miranda **Estagiárias:** Maria Fernanda Sousa Lemos e Mariáh Magalhães
Checadora: Andressa Tobita **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite e Eric Cavasani Vechi (estagiário) **Fotografia: Editor:** Alexandre Reche
Pesquisadora: Iara Silvia Brezeguello Rodrigues
Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão: Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas

Colaboraram nesta edição: Alexandre Battibugli, Ricardo Corrêa (fotografia); Sidnei Gil, Tatiana Leonardi, Thamyres Rezende, Tiago Guimarães, Wellington Budim (Dedoc); Ana Paula Galisteu, Kaio Figueredo, Ismael Canosa (pesquisa de fotos); Anderson Marçal Leandro e Wander Moreira Mendes (infografia); Gabriel Grossi (edição de texto); Alexandre Senechal, Enrico Benevenutti, Guilherme Azevedo, Klaus Richmond (texto); Luana Alves Pinto (checagem); Marcos Vinicius Candido Rodrigues (arte); Luiz Henrique Silva de Azevedo e Roberta de Donno (preparação digital)

www.placar.com.br

DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

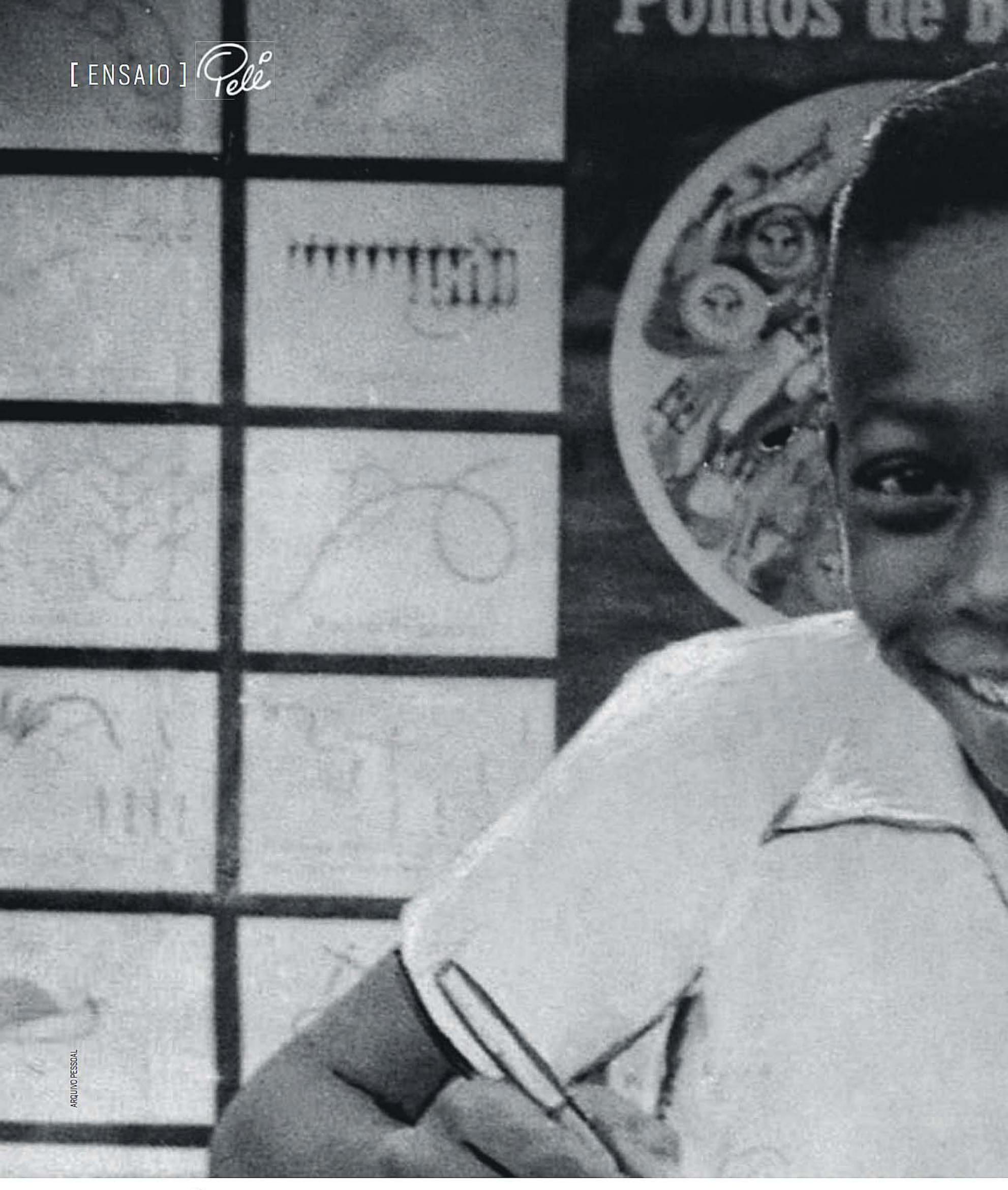
Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

PLACAR 1495 (789 3614 11261 9), ano 54, é uma publicação mensal da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao assinante:
minhaabril.com.br
WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200 Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira, das 9h às 17h30

Para assinar:
www.assineabril.com.br
WhatsApp: (11) 3584-9200 Telefone: SAC (11) 3584-9200
De segunda a sexta-feira, das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br
Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote pelo e-mail: assinaturacorporativa@abril.com.br

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

ARQUIVO PESSOAL

“É um menino, um garoto. Se quisesse entrar

Edson Arantes do Nascimento: ele gostava de um goleiro do Vasco, o Bilé, mas como pronunciava errado o nome do jogador carioca logo virou Pelé

num filme da Brigitte Bardot, seria barrado. (...)

(...) Mas, reparem: é um gênio indubitável! Pelé pod

Aos 15 anos, vindo de Bauru: início de carreira na Vila Belmiro, do Santos, a mais extraordinária trajetória na história do futebol mundial

INSTAGRAM @PELE

ia virar-se para Michelangelo, Homero ou Dante e...

INSTAGRAM @PELE

...cumprimentá-los com íntima efusão: 'Como

Aos 29 anos, o gênio já tinha tudo: mais de 1 000 gols e especialmente três taças do mundo pela seleção, a Jules Rimet, além de duas pelo alvinegro santista

vai, colega?'." Nelson Rodrigues, *em crônica de 1958*

A BOLA COMO ETERNA AMIGA

Nunca haverá outro Pelé, cuja trajetória resume a genialidade de um esportista, possivelmente o maior de todos, e as contradições de seu tempo

[Fábio Altman]

PAULO VITALE

Uma coisa só: como se o homem e o objeto de couro fossem indivisíveis

Com Jairzinho, ao comemorar mais um gol nos estádios mexicanos: ele saiu do Brasil meio desacreditado, mas mostrou ser único

Em 1968, o ano que nunca terminou, o artista plástico americano Andy Warhol cunhou uma de suas mais conhecidas frases, estampada no catálogo de uma exposição em Estocolmo: "No futuro, todo mundo será famoso por quinze minutos". Em 1977, dias antes de Pelé pendurar as chuteiras com a camisa verde do Cosmos de Nova York, o gênio da pop art reescreveu sua máxima depois de apontar a inseparável Polaroid Long Shot para o rei, base para uma coleção de serigrafias: "Pelé é um dos poucos craques que contrariam minha tese. Em vez de quinze minutos de fama, terá quinze séculos". Pelé, como intuiu Warhol, viverá para sempre. Em 2020, em plena pandemia, instado a dizer o que o Pelé de 80 anos diria ao Pelé de 17, revelado pelo Santos e descoberto pelo mundo na Copa de 1958, ele imaginou o seguinte comentário de um para o outro: "Deus te deu o dom de jogar bola, mas você tem de estar bem preparado fisicamente e com a saúde em dia. Mas atenção ao que realmente importa: o talento foi um presente divino, cuide bem dele". Numa única frase, Pelé parecia resumir oito décadas de vida — sempre reconheceu que fora privilegiado e, a partir desse big bang original, tratou de burilar a vantagem de largada, como se ela não houvesse.

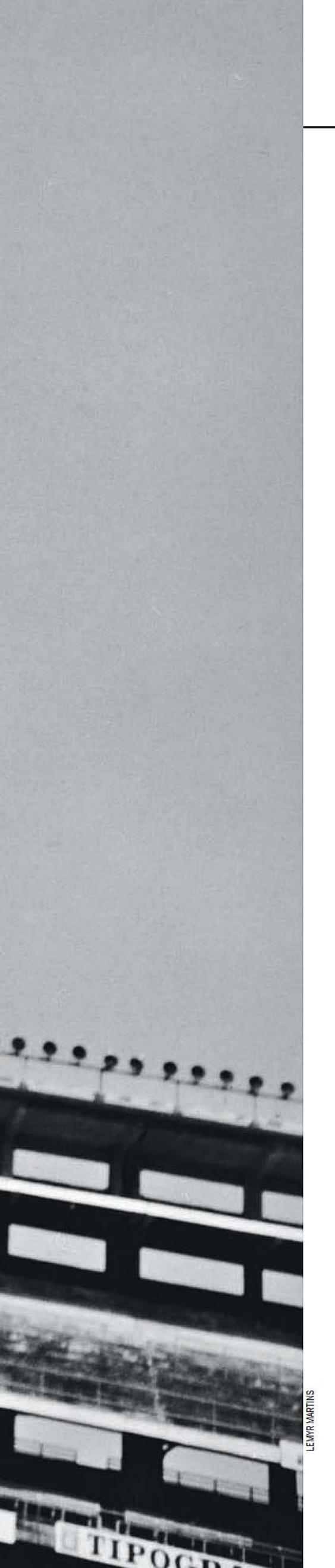
O condão — cujo sinônimo é inteligência — talvez lhe autorizasse largar mão, mas nunca foi assim. De 1956 a 1977, em 21 anos de carreira profissional, foi sempre o primeiro a chegar aos treinos e o último a abandoná-los. No livro *Pelé — Os Dez Corações do Rei*, o jornalista José Castello conta um episódio revelador dessa obsessão pela qualidade. Num exercício de rotina antes da Copa de 1970, que o consagraria com o tri, os pontas e os laterais cruzavam a bola para que os meias e os atacantes finalizassem. Deles se esperava que matassem a bola no peito e depois chutassem para o gol. Pelé preferia sempre bater de primeira, apesar da insistência do treinador Zagallo e seus auxiliares. "Ora, se for para matar no peito, fica muito mais fácil, aí não me interessa". Em depoimento exclusivo à revista PLACAR, Tostão, o companheiro de glória no México, iluminou ainda mais a postura rigorosa do maior de todos, homem de 1,73 metro: "Além do brilho e da magia, o rei jogava com grande objetividade. Quase não fazia embaixadas, não driblava para os lados, mas sempre em direção ao gol. Sua genialidade e condição física eram naturais, geneticamente determinadas. A natureza lhe deu quase tudo, e ele fez a parte que lhe cabia, jogando com alegria, garra, determinação e humildade".

O americano Andy Warhol, o mestre da pop art, admitiu ter errado sua previsão ao encontrar o brasileiro: quinze séculos e não quinze minutos de fama

CLAUDIA LARSON/AP/IMAGEPLUS

e Champion.

BANCO NACIONAL DO NORTE S.A.
estimulo S.A.
PAPAIZ
PAPAIZ

LEMYR MARTINS

Com a camisa branca do Santos, onde começou a carreira inigualável: ele fez do clube praiano um dos mais conhecidos do mundo

Em 2012, Marcos Duarte, professor de engenharia biomédica da Universidade Federal do ABC, escrutou o mais plástico dos movimentos de Pelé, a bicicleta, para concluir que ele conseguia estabilizar o corpo na horizontal, um átimo de segundo antes de tocar a bola, de forma mais eficiente do que todos os outros pares. Duarte depois analisaria com recursos de vídeo e algoritmos a famosa cabeçada contra o goleiro inglês Gordon Banks, em 1970 — naquela que é considerada a mãe de todas as defesas. Pelé subiu mais de 70 centímetros — contra "apenas" 50 centímetros do desnorteado zagueiro adversário, Tommy Wright. Desferiu a bola a 45 quilômetros por hora, velocidade de um chute. É a ciência a serviço da beleza no esporte, que pode ainda ser traduzida pela estatística. Foram 1 283 gols em 1 363 jogos. Ganhou três títulos mundiais pela seleção brasileira, o primeiro aos 17 anos, e dois pelo Santos. E que outro craque seria lembrado também pelas bolas que não entraram, como a da defesa de Banks, concessão destinada apenas aos inalcançáveis? As emissoras de televisão e os canais no YouTube não cansam de repetir dois outros lances com cinquenta anos de história: o quase gol contra o goleiro uruguaio Mazurkiewicz, a pelota de um lado, o brasileiro de outro, em cena de lindo balé de corpos; ou então o chute do meio de campo a triscar a trave, em ansiosa parábola, para desespero do checo Viktor e espanto do planeta *(leia na pág. 46)*.

É recorrente a tentativa de comparação de Pelé com dois argentinos: Maradona e, mais recentemente, Messi — e as novas gerações têm todo o direito de ensaiá-las, embora seja inútil, porque Pelé foi único, e a trinca de vitórias em Copas do Mundo sempre fará diferença. E talvez ele nem precisasse ir tão longe, ao assegurar para o Brasil a posse definitiva da Taça Jules Rimet, que depois seria roubada e derretida. Antes mesmo de Pelé ser recebido por reis e rainhas, por papas, por Nelson Mandela e Barack Obama, Jimmy Carter e Gerald Ford, por Mikhail Gorbachev e Elizabeth II, antes mesmo de parar guerras, porque os oponentes queriam vê-lo em campo *(leia na pág. 38)*, lá atrás, ainda em 1958, o dramaturgo e cronista Nelson Rodrigues mediu o que se construía: "Dir-se-ia um rei, não sei se Lear, se imperador Jones, se etíope. Racialmente perfeito, do seu peito parecem pender mantos invisíveis". Tudo isso, lembre-se, escrito quando Pelé mal saíra da puberdade.

E, no entanto, como ressalta Tostão, nunca lhe faltou humildade, apesar dos mantos invisíveis — embora fosse preciso inventar um recurso que sempre pareceu risível, mas talvez fosse mesmo necessário: Edson se

referir a Pelé na terceira pessoa do singular, e o que soava arrogante nada mais era do que um recurso de sobrevivência. Um outro modo de expressão era o "nós", o plural majestático, figura de linguagem adequada a quem tinha sangue azul. Uma coisa era o Edson — aquele que, nos últimos anos de vida, viveu isolado no Guarujá com a mulher, a empresária Marcia Cibele Aoki, sem nem mesmo ter podido acompanhar o velório e enterro do irmão Zoca, que morreu em março de 2020, durante o distanciamento imposto pela pandemia de Covid-19. Era o Edson com dificuldade de locomoção depois da cirurgia nos quadris, feita em 2012, alheio à fisioterapia, forçado a aprender a mexer no smartphone, evidentemente sem poder viajar. Outra coisa é Pelé, o personagem a respeito do qual não há muito mais a dizer. Manter a distância entre as duas figuras foi uma prática recorrente do rei. "O narcisismo de Pelé nunca chegou aos pés da vaidade do dedo mindinho de Neymar", diz o antropólogo Roberto DaMatta. "A consciência maior de Pelé foi sua modéstia." Consciência que não significou abandonar a compreensão de sua grandeza. Depois de um encontro com Garrincha, no início dos anos 1980, ele chegou a mandar entregar àquele que conhecíamos como "a alegria do povo", alquebrado e alcoolizado, uma boa quantia de dinheiro, porque atravessava dificuldades. Para um amigo fotógrafo que conhecera nos Estados Unidos logo após se separar da primeira mulher, e que depois se mudara para Paris, Pelé criou uma artimanha de generosidade: desembarcava na capital francesa sem avisar ninguém. Ao amigo, sugeria que fizesse fotos exclusivas, vendidas em seguida num piscar de olhos — só então, depois de garantir que o companheiro conseguira alguns trocados, é que admitia ter chegado à Europa. E então outras lentes o caçavam, mas já sem tanto valor de mercado.

O despojamento, irmão da generosidade, não significa, evidentemente, que tenha tido uma vida sempre reta, campeão em tudo. Pelé foi muito criticado pelo comportamento com uma filha, Sandra Regina Machado Arantes do Nascimento, que reconheceu tardiamente — e a amigos nunca escondeu a tristeza e o desconforto pela situação, sobretudo depois da morte prematura de Sandra, de câncer, em 2006, aos 42 anos. Apanhou muito quando disse que o povo não sabia votar, nos anos 1970, ainda debaixo da ditadura militar ("O povo brasileiro não está preparado para votar, por falta de prática e de educação; vota mais por amizade"). Não adiantou explicar que não era bem aquilo que havia dito, porque de Pelé se esperava fora de campo o que fazia dentro dele — algo humanamente impossível. Exigia-se que ele fosse como Muhammad Ali, o boxeador que desferia socos como soltava opiniões políticas agudas, a um só tempo ícone do esporte e da cultura dos anos 1960 e início dos 1970. Mas atenção: o Brasil não é os Estados Unidos, a herança da escravidão daqui é diferente do segregacionismo de lá. Pelé cresceu na ditadura e Ali, na democracia. O jogador dividia o tempo com os companheiros e o pugilista tinha lições com a liderança radical de Malcolm X — e nas bandas de cá o mito da democracia racial se espraiou sorrateiramente. Foi apenas em 2017, em depoimento exclusivo à revista VEJA, que ele tratou pela primeira vez de preconceito, de modo contundente e esclarecedor. "Nunca neguei minha cor de pele, eu gosto de ser negro. Sempre admirei muito meus pais, meus irmãos, toda a minha família, de pessoas negras. Mas Deus me pôs num caminho diferente do da maioria da população brasileira e, desde criança, nunca tive problema com racismo", disse. "Quando penso no racismo brasileiro, eu me lembro sempre do encontro com o Nelson Mandela, quando eu era ministro de Esportes do governo do Fernando Henrique Cardoso. Foi emocionante. O Mandela, com toda aquela grandeza, toda aquela história, foi objetivo: 'Pelé, puxa vida... como pode um país como o Brasil, tão lindo, onde há um único idioma, sem conflitos segregacionistas e insuperáveis como os da África do Sul, ter de conviver com tanta fome, com tanta miséria — e com o racismo?'. Nem soube o que falar,

Na despedida, em 1977, o abraço fraternal em Muhammad Ali: comparação indevida entre a postura de dois gigantes

AP/IMAGEPLUS

PELE
10

O Atleta do Século, em eleição promovida pela revista francesa *L'Équipe*: à frente do velocista americano Jesse Owens, que desafiou Hitler

fiquei envergonhado." Para DaMatta, "Pelé era um sujeito de imensa sensibilidade, mas nada indicava que tivesse ciência do que poderia simbolizar para a sociedade, para além dos gramados". E convém lembrar, nesse hipotético embate com Ali, ainda segundo DaMatta, que Pelé, astro de um esporte coletivo, nunca esteve inteiramente sozinho como o mítico pugilista. Compará-los só seria possível tendo como régua Andy Warhol: uma das serigrafias de Pelé, daquelas de 1977, foi leiloada em 2019 pelo equivalente a 3,6 milhões de reais. Uma com a figura de Ali, do mesmo período, foi ao martelo por 42 milhões de reais.

A diferença no índice Warhol mostra como a marca Pelé foi maltratada enquanto jogava. Ele foi vítima de empresários inescrupulosos, teve maus conselheiros e viveu o apogeu antes da explosão do marketing esportivo e da internet. "Ele nunca foi capitalizado como deveria, dada sua dimensão", diz Amir Somoggi, sócio da Sports Value Marketing Esportivo, um dos grandes especialistas no assunto. "Hoje Pelé teria outro tamanho, com as ferramentas da internet, mas convém considerar também o atávico desprezo de um país que não aprendeu a cultuar seus ídolos." Estima-se que a marca Pelé chegue atualmente a algo em torno de 100 milhões de dólares, segundo uma ferramenta confiável, o Celebrities Net Worth. É muito, até que se passeie por valores de outros atletas. Messi: 600 milhões de dólares. Neymar: 200 milhões de dólares. O.k., os dois estão ainda na ativa. Pegue-se, então, Michael Jordan, o Pelé do basquete, e com o perdão pelo lugar-comum: ele vale 2,2 bilhões de dólares, atrelados especialmente ao contrato vitalício com a Nike. Pelé esteve ligado à Puma, marca que o atraiu em 1970 e que o namorou em iniciativas pontuais, como a celebração dos cinquenta anos do milésimo gol, em 2019 — mas sem contrato fixo. "Mas Pelé terá sempre valor, simplesmente por ter sido o maior de todos os tempos. O legado de sua imagem, envolvido por respeito, é muito forte, e não por acaso será eternizado", diz Fábio Kadow, diretor de marketing da Puma no Brasil. Em 2009, depois de muito vaivém, de uma sucessão de desencontros, os direitos de imagem de Pelé foram vendidos a uma empresa americana, a Sports 10. Os valores de rendimentos anuais nunca foram divulgados, mas havia organização de viagens (quando se podia viajar) e controle de postagens nas redes sociais. Em 2019 foi inaugurada uma loja em Nova York com produtos relacionados à mítica camisa 10. No fim da vida, Pelé tinha uma dupla incansável a acompanhá-lo: o americano Joe Fraga, nos Estados Unidos, e o brasileiro Pepito Fornos, misto de irmão e conselheiro, a voz atenta que parecia buscar sem cessar o bom senso. Era caminho para que Pelé tivesse, enfim, o tamanho de Pelé, e Edson pudesse simplesmente sorrir relembrando a trilha do passado, os detalhes comezinhos e simultaneamente gigantescos de uma vida inigualável. Quem foi seu melhor marcador? Pelé: "Beckenbauer, forte mais leal". E os gols mais importantes? "O primeiro na Copa de 1958, contra o País de Gales, e o 1000°, porque foi um gol que até hoje ninguém fez e é um recorde". Ou, como escreveu Carlos Drummond de Andrade, "o difícil, o extraordinário, não é fazer 1 000 gols, como Pelé; é fazer um gol como Pelé" *(leia na pág. 54)*. Cabe também uma frase do cineasta Pier Paolo Pasolini: "No momento que a bola chega aos pés de Pelé, o futebol se transforma em poesia". E aqui, pela primeira vez nesse obituário, usa-se a palavra futebol, a atividade do rei, mas que parecia não bastar para descrevê-lo. Em Nova York, no fim dos anos 1970, ele tinha escritório no mesmo prédio onde o ator Robert Redford cuidava de seus negócios. Certa feita, durante um evento empresarial, os dois chegaram juntos ao recinto. Lindo, no auge da fama, Redford ficou impressionado com a quantidade de pessoas que cercaram o brasileiro à cata de um autógrafo e o abandonaram. O galã não vacilou, aproximou-se de Pelé e resumiu a ópera que agora chegou ao fim: "Cara, como você é popular". Cara, como você fará falta. ■

T. B. SCALCO

O MAIOR ÍDOLO DE TODOS

[Depoimento de Juca Kfouri]

"Tive a sorte e o privilégio de ter vivido muitas histórias com Pelé. Criança, eu sofria de viver num país que nunca havia ganhado a Copa do Mundo. Aos 8 anos, quando o Brasil levantou a taça Jules Rimet pela primeira vez, Pelé se tornou instantaneamente ídolo de todas as torcidas: corintianos, palmeirenses, flamenguistas. Ele só tinha 17 anos e todos o adorávamos.

Faço parte da geração de torcedores do Corinthians que ficou 23 anos sem ser campeão. Naquele tempo, o Santos de Pelé era o nosso maior algoz, mas isso não tinha importância. Palmeiras e São Paulo eram os rivais. O Santos era outra coisa. Ele representava o Brasil no mundo, e eu acordava cedo para pegar o *Estadão* e ter certeza de que o Pelé não tinha sido vendido. Morria de medo de ele ir embora. Na Copa de 1962, disputada no Chile, aprendi o que era virilha, e me doía a virilha.

Dois anos depois, tive de sair do Pacaembu para não apanhar da minha própria torcida. Era o dia 6 de dezembro, um domingo, e 54 476 pessoas bateram o recorde de público daquele Campeonato Paulista para ver Santos e Corinthians. Ao final do primeiro tempo, o placar marcava 2 a 2. Depois, Pelé fez três em sequência, o corintiano Silva descontou, Coutinho fez 6 a 3 e Pelé, sempre ele, anotou o sétimo aos 44 do segundo tempo. Eu, claro, estava no meio dos corintianos — mas não aguentei e aplaudi o gol. Comecei a levar cascudos e cascas de laranja, pois todos achavam que eu estava de brincadeira, infiltrado.

Vida de alvinegro paulistano nessa época era assim. Eu era católico, batizado, ia à missa. Sabia que era de-

Com a camisa das Diretas Já: a foto de Ronaldo Kotscho foi uma surpresa e uma alegria na redação

RONALDO KOTSCHO

mais sonhar com um título nas minhas orações. Mas pedia para ganhar do Santos. 'Mãe, eu peço isso a Deus e ele não me concede. Não é possível, Deus não existe', dizia, testando minha fé. O fato é que não dava para ser apaixonado por futebol e não ser apaixonado pelo Santos. Eu fumava desde os 12 anos. Em 1963, no segundo jogo da final do Mundial de Clubes, o Milan (que já tinha ganhado a primeira partida, na Itália) abriu 2 a 0 no Maracanã. Saí para o quintal para fumar escondido e prometi que se o Santos virasse eu pararia, pois meu pai não queria e eu já jogava basquete, era o certo a fazer mesmo. No segundo tempo, 4 a 2 para o Peixe. Cumpri a promessa por três anos.

Em 1970, entrei na Abril para trabalhar no arquivo, o famoso Departamento de Documentação, mais conhecido como Dedoc — justamente para atender a PLACAR, que foi lançada em março daquele ano. Logo nos primeiros anos tem uma foto de uma visita do Pelé à redação, em que apareço no fundo, como um papagaio de pirata, admirando tudo aquilo. No ano seguinte, com a criação do Campeonato Brasileiro, a revista instituiu a Bola de Prata, para os melhores do torneio, mas decidiu que o rei não disputaria o prêmio — ele era *hors-concours*.

Até se aposentar pelo Santos, em 1974, Pelé sempre se queixava que queria ganhar uma. "Eu não tenho a Bola, entende?", dizia para os repórteres a cada entrevista. Assim, decidimos fazer a entrega do troféu num almoço com o fundador da editora, Victor Civita, e o então prefeito de São Paulo, Miguel Colasuonno. Muitos anos depois, uma nova equipe de editores resolveu entregar a Pelé uma Bola de Prata e ele ficou igualmente feliz, nunca contou que já tinha recebido antes. Por mim, podia dar quantas bolas ele quisesse.

Aquele encontro no terraço do Edifício Abril foi o meu primeiro com Pelé. Eu tinha estado na Vila Belmiro no jogo de despedida, mas apenas acompanhando os colegas que escreviam a reportagem. O rei, evidentemente, não era para o meu bico. Em 1979 virei diretor de redação e seguimos acompanhando o maior jogador de futebol de todos os tempos. A melhor lembrança que tenho desse período foi a foto com a camisa das Diretas Já. A redação estava empenhada na campanha, Sócrates escrevia para a revista, mas foi uma grande surpresa quando o fotógrafo Ronaldo Kotscho chegou com a imagem, feita no meio de uma filmagem no Rio de Janeiro. Depois que saí de PLACAR, minha relação com Pelé se solidificou ainda mais. Desde então, sempre desejei que este texto só fosse publicado depois da minha morte."

Juca Kfouri foi diretor de redação de PLACAR de 1979 a 1995

O REI PELO PRÓPRIO REI

Em 2014, Pelé fez um passeio pelas fotos mais marcantes das quatro Copas que disputou

[Sérgio Rodrigues]

1958

"Quando marquei o último gol da final contra a Suécia, fiquei zonzo do choque de cabeça com o beque. Como o juiz apitou o fim do jogo, pensei: 'Vou ficar um pouco por aqui'. Aí veio o Garrincha me levantar e eu não parei de chorar. Só pensava uma coisa: 'Será que a minha família sabia que éramos campeões?'. Na época não tinha televisão, telefonar era difícil. Hoje o cara mete um gol e diz: 'Beijo, mãe!'. Só no dia seguinte eu falei com meus pais pelo rádio."

ACERVO LUIZ CARLOS BARRETO

AP/IMAGEPLUS

1958

"Sempre me perguntam como, aos 17 anos, eu aguentei a pressão, a responsabilidade de ganhar a Copa do Mundo. Mas a responsabilidade era do Didi, do Vavá, do Gilmar... Aquilo para mim foi um sonho. Agradecia a Deus por estar lá."

MANOEL MOTTA

1962

"É engraçado. Claro que 1962 foi um momento triste pessoal: eu tinha feito um gol no primeiro jogo contra o México, mas senti uma distensão na coxa na partida seguinte, contra a Checoslováquia. Não esperava ficar fora até a final da Copa, e fiquei. Fiquei torcendo na arquibancada, porque não estava inscrito e nem podia ficar no banco, mas mesmo com o carinho dos torcedores chilenos eu tinha a certeza de que, se estivesse jogando, não sofreria tanto. Mas graças a Deus fomos campeões, então compensou tudo, né? A compensação foi melhor ainda porque a alegria foi para todos os jogadores e toda a nação. Triste mesmo foi quatro anos depois."

MIRRORPIX/GETTY IMAGES

ALBERTO FERREIRA/AG. JB

1966

"Chegamos à Inglaterra em clima de 'já ganhou'. A preparação foi uma loucura, montaram três times com reservas e tudo, toda hora a equipe mudava. Uma seleção bicampeã não precisava de tantos testes. Aqui eu apareço treinando no gol, como sempre gostei de fazer, e lembro que nos dias de preparação nós, os jogadores, conversávamos sobre a importância, em termos de moral, de ganhar a Copa no país onde o futebol nasceu. Infelizmente perdemos para Portugal, me contundi no meio do jogo e só continuei em campo porque não havia substituição. No avião comecei a orar e decidi me despedir da seleção. Eu tinha jogado três Copas e sido campeão em duas. Pensei: 'Está bom, né?'. Aquela foi pesada para caramba. A contusão era séria, nos ligamentos do joelho direito, e fiquei seis meses sem jogar no Santos. Nunca tinha ficado tanto tempo fora. Mas aí fiquei bom, o time começou a ir bem em 1968, 1969, e veio a cosquinha: e se eu jogasse só mais uma?"

LEMYR MARTINS

1970

"Esse gesto que ficou famoso do soco no ar, aqui no jogo em que vencemos a Checoslováquia por 4 a 1, eu já vinha fazendo desde o tempo do Santos e surgiu de modo espontâneo, como um desabafo. Eu nunca tinha visto ninguém fazer aquilo. Depois disso, muitos outros jogadores começaram a dar socos no ar e alguns começaram a inventar, a mudar um pouco, dar de baixo para cima, para não dizerem que estavam me imitando. Acabou virando uma marca minha, principalmente por causa do sucesso desta foto, mais ou menos como aconteceu com a bicicleta por causa de uma foto tirada no Maracanã. A diferença é que a bicicleta, todo mundo sabe, era coisa do Leônidas, e o soco é meu mesmo."

1970

"O Pelé tinha uma impulsão danada, rapaz. Subia para caramba. O beque esticava a mão e não alcançava, o goleiro também não. Esse gol na final de 1970 contra a Itália é um dos que mostram isso. Seu Dondinho, meu pai, era um expert no assunto: o recorde dele de cinco gols de cabeça num jogo o Pelé nunca bateu. Ele me ensinou a subir, a dar um segundo impulso quando o corpo está lá em cima, e também a não fechar os olhos. Em todas as comparações que fazem do Pelé com outros jogadores, Maradona, Messi, Zidane, Cruyff, sempre existe uma coisa ou outra que dá para diferenciar. A impulsão é uma delas."

AP/IMAGEPLUS

Contac X
COLUBIAZOL
EL HERALDO
CEMENTO

LEMYR MARTINS

1970

"Aqui os mexicanos me deixam só de calção, depois que recebemos a taça e fomos dar a volta olímpica. Isso era comum. Não havia alambrados, e nas filmagens que existem do Santos em torneios na Espanha ou na Itália, por exemplo, acaba o jogo e todo mundo entra em campo. Aquele foi o grande presente de Deus, e agradeço até hoje ter decidido encerrar ali minha carreira na seleção. Tinha ensaiado em 1966, mas daquela maneira, ganhando a Copa e sendo considerado o melhor jogador, foi como o meu pai dizia: 'Quando for parar, que seja no melhor momento, porque senão logo vão te pôr para fora'. Parar ali foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida."

UM ATLETA SIMPLES E ACESSÍVEL

[Depoimento de Carlos Maranhão]

"Trabalhei durante 42 anos na Editora Abril, dos quais quinze na PLACAR, em três períodos diferentes. O primeiro deles foi no lançamento da revista, em março de 1970. Junto com a edição número 1 vinha uma moeda com o rosto do Pelé, que fez um sucesso extraordinário e, depois, virou item de colecionador. Na redação, vários de nós tínhamos algumas delas, que eram usadas literalmente como moeda de troca em coberturas, inclusive no exterior (até hoje preservo duas, que guardo como um tesouro).

A caminho do gramado, em 1974, na despedida pelo Santos: não havia nada programado

Dois anos depois, vim de Curitiba para São Paulo e logo me coube fazer uma reportagem com Pelé — afinal, a relação dele com a revista sempre foi muito próxima. Embora não fosse um iniciante, um foca, fiquei muito nervoso. O fotógrafo Lemyr Martins estava comigo e me deu a dica: esperar o Pelé no estacionamento, antes de chegar para o treino. Ele vinha sozinho no carro, um Mercedes preto. Lemyr se aproximou, o cumprimentou e me apresentou. 'Quanto tempo você precisa para a entrevista?', ele me perguntou. 'Meia hora', respondi. 'Tá bom. Quando acabar o treino, vai para o vestiário.' Algumas pessoas não acreditam, mas era assim. Em 1972, ele já era o maior jogador do mundo, era o Pelé, o ídolo, o rei. Mas não tinha assessor. Você chegava e o entrevistava. De lá para cá, a relação da imprensa com os atletas mudou profundamente.

Pelé sabia que nós, jornalistas, éramos a ponte para os torcedores. Falávamos com o público e ele tinha a noção de que as pessoas é que compram ingressos, assistem às transmissões pelo rádio e pela TV, adquirem os produtos que os jogadores anunciam. Sem torcedor, eles não são nada. Quando Pelé fez seu milésimo jogo pelo Santos, PLACAR acompanhou a partida, disputada no Suriname, e levou uma camisa verde e preta com um escudo da revista e o número 1 000 bordado na frente. Pelé saiu na capa da edição vestindo o 'nosso' uniforme. Em outra ocasião, vestiu as camisetas de várias seleções que havia enfrentado. Dá para imaginar o Neymar fazendo isso hoje?

Em 1974, eu estava na Vila Belmiro quando ele se despediu do Santos, naquele famoso jogo contra a Ponte Preta. É curioso lembrar como não havia nada programado. De repente, Pelé pegou a bola no centro do gramado e se ajoelhou. Ninguém esperava, tanto que não há grandes fotos, closes, detalhes desse momento glorioso do adeus. Era assim, tudo fácil, sem *mise en scène*.

CARLOS NAMBA

O maior jogador de todos os tempos, o maior atleta que o mundo já conheceu, um profissional simples e acessível. De certa forma, chega a ser surpreendente ele ter se tornado o rei do futebol. Como isso aconteceu, numa época em que os meios de comunicação eram tão precários? As informações vinham pelo rádio e o som era ruim. As radiofotos tinham uma qualidade péssima. Vivíamos na pré-história das comunicações, nos anos 1950 e 1960. A Copa de 1970 foi transmitida em preto e branco — e pouca gente tinha um aparelho em casa. Na minha infância, eu era um torcedor de rádio. O futebol era mágico, a gente tinha de acreditar no que os narradores diziam. E, por mais que falem que eles inventavam, as imagens mostram que não, que era tudo aquilo mesmo. Na Copa de 1962, os filmes com trechos dos jogos eram exibidos no cinema, com três ou quatro meses de atraso. E a plateia vibrava como se fosse ao vivo.

Fora do campo, Pelé muitas vezes era criticado. Alguns gozavam das previsões que ele fazia, como quando apontava favoritos para a Copa e indicava jogadores como possíveis sucessores (que ilusão), outros porque nunca denunciou a ditadura militar. Também o atacaram quando fez o milésimo gol e o dedicou às crianças pobres e por afirmar que o brasileiro não sabia votar. Tantos anos depois e o problema da desigualdade segue aí, tanto quanto a falta de cultura política do país. Acho que PLACAR fez bem de não se imiscuir nesse terreno. O cidadão Edson Arantes do Nascimento é menos importante do que o jogador Pelé. A meu ver, ele tinha mesmo de ser julgado pelo futebol. E, nisso, foi inexcedível, incomparável. Mas, como parou há 48 anos, talvez demore um pouco para as pessoas entenderem o que ele significou.”

Carlos Maranhão foi diretor de redação de PLACAR de 1985 a 1988

JOSE DIAS HERRERA

Com o senador Robert Kennedy no vestiário do Maracanã, em 1965: não bastava vê-lo jogar, era preciso fazer uma pose

A FAMA QUE SÓ O 10 ALCANÇOU

No Rio de Janeiro ou em Moscou, ou em qualquer outro canto do planeta, ele era reconhecido e admirado, ímã de inigualável atração

[Gabriel Pillar Grossi]

Como medir a fama de Pelé? O humorista Marcelo Madureira teve uma linda ideia nos anos 1990: dar uma volta ao mundo com o rei do futebol, sem passaporte, sem um tostão no bolso, sem lenço nem documento. "Viajaríamos, comeríamos e dormiríamos de graça", lembra Madureira. "Visitaríamos o papa sem marcar audiência, presidentes, cientistas, artistas, única e exclusivamente por ser Pelé." A viagem, que infelizmente nunca aconteceu, terminaria na região da África de onde teriam vindo os ancestrais do gênio. Ele bateria uma bolinha com os cidadãos locais, de sorriso aberto, e pronto — o cidadão do mundo comprovaria sua grandeza indizível.

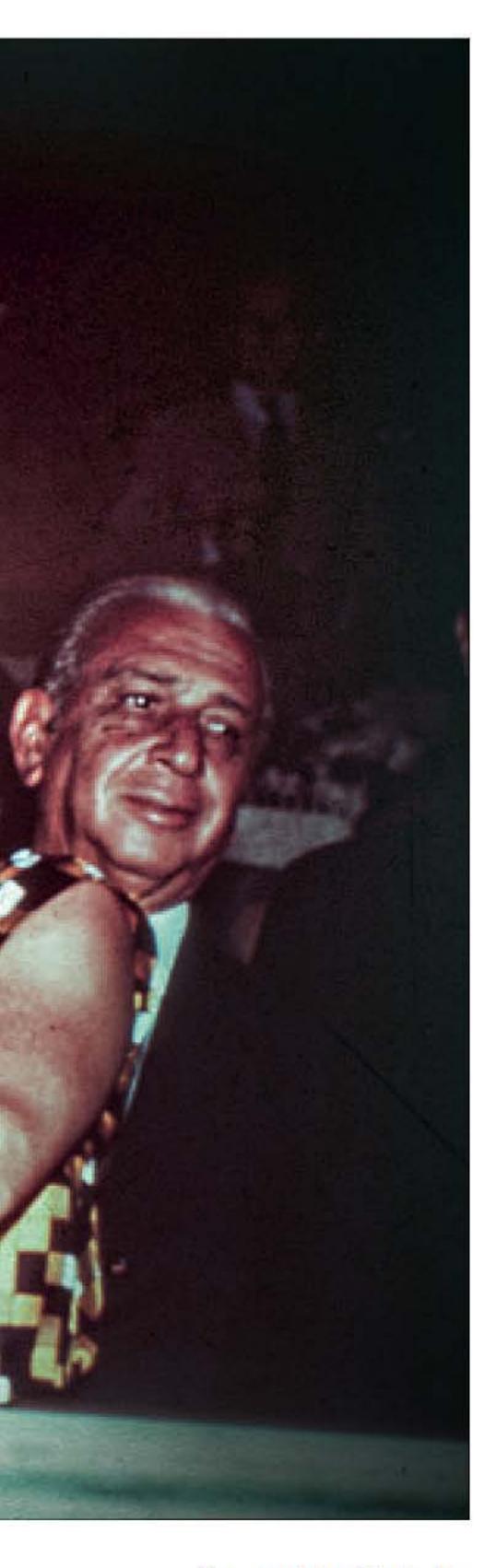
A imensa repercussão da morte de Pelé, que em minutos se espalhou pelo mundo, ajuda a dar a ideia do tamanho universal do personagem. "A morte de um mundo", estampou o francês *L'Équipe*. "Adeus ao rei do futebol", anunciou o italiano *Corriere della Sera*. "Dor

ACERVO REVISTA PLACAR

mundial, morreu Pelé", chorou o argentino *Olé*. "Morreu Pelé, o escultor do futebol sem fronteiras", lamentou o português *O Público*. Uma manchete mais apropriada diria: Pelé morreu, se é que Pelé morre. Não morre. Fica o maior ídolo da história do futebol. O Rei. O Atleta do Século. O brasileiro mais conhecido e celebrado da história.

Não havia porta que não se abrisse para Pelé. Não havia espanto que não se demonstrasse ao tê-lo pela frente, o gigante de apenas 1,72 metro que fazia com que as pessoas tremessem de nervosas à troca de olhar. Era um rei, mas não seria exagero tratá-lo como um deus, como muitos faziam. Em 1965, o senador Robert Kennedy, irmão do ex-presidente americano John F. Kennedy, não apenas viu um jogo no Maracanã como fez questão de ir ao vestiário — e se deixou fotografar ao lado do camisa 10 todo ensaboado e com uma toalha amarrada na cintura. Três anos depois, no mesmo estádio, a rainha Elizabeth II, acompanhada do marido, o príncipe Philip, assistiu da tribuna de honra do Mário Filho a um amistoso entre as seleções carioca e paulista. Depois da vitória dos visitantes por 3 a 2, ela lhe entregou um troféu, não sem antes afirmar que Pelé era "incomparável".

TWITTER @NELSONMANDELA

MIKHAIL METZEL/TASS/GETTY IMAGES

Com a rainha Elizabeth, Nelson Mandela, Vladimir Putin e Diego Maradona, já em cadeira de rodas, em 2017: admiração e respeito universais

Com a mãe, Celeste, ainda viva, aos 100 anos, e o pai, Dondinho: ele sempre gostava mesmo era de voltar para o carinho de casa

ANTONIO MILENA

Ele era mesmo colossal. Com Nelson Mandela, o lendário ativista que, depois de passar 27 anos preso por lutar contra o regime segregacionista do apartheid, se tornou presidente da África do Sul, a admiração era mútua. Quando de sua morte, em 2013, Pelé afirmou: "Ele foi um herói para mim". E as imagens dos dois juntos nos enchem de carinho e inspiração. Quis o destino — e não há como negar que há uma certa poesia nisso — que Pelé morresse logo depois do Mundial do Catar, quando recebeu inúmeras homenagens de jogadores, cartolas e torcedores. Desde a consagração na Suécia, ele era presença obrigatória nas Copas, seja como convidado da Fifa, seja como comentarista ou embaixador da bola. No sorteio dos grupos para a Rússia-2018, Pelé chegou a Moscou de cadeira de rodas e, como sempre, foi o centro das atenções ao lado do presidente Vladimir Putin. A outra estrela convidada para o evento não hesitou em se instalar como coadjuvante: Diego Maradona, que tantos insistiram em comparar a ele, buscando criar uma rivalidade que nunca existiu, não escondia o respeito pelo ídolo vinte anos mais velho e desdobrou-se em cuidados, beijando-lhe a testa com reverência.

Nos anos 1980, quando o governo brasileiro autorizou a emissão de cartões de crédito internacionais, a Mastercard produziu um anúncio que resumiu com precisão essa presença global. Sentado numa poltrona semelhante a um trono, o garoto-propaganda destacava as vantagens do produto para fazer compras no exterior e terminava dizendo: "Afinal, vai que você não é reconhecido lá fora". Todos sabiam, em Santos, Jerusalém, Adis Abeba ou Tóquio, que Pelé era inconfundível, mais famoso do que Jesus Cristo.

Pelé abraçava o mundo, o mundo o abraçava, mas ele gostava mesmo era de estar em casa, ao lado dos pais. Como lembra o ex-diretor de PLACAR Sérgio Xavier Filho *(leia o texto da pág. 44)*, uma de suas maiores preocupações era "não decepcionar aqueles que sempre acreditaram em mim". Dondinho, o pai, morreu em 1996. Ao vê-lo triste pela derrota do Brasil para o Uruguai no Maracanazo de 1950, o garoto prometeu que um dia ganharia o caneco. Celeste Arantes completou 100 anos no último dia 20 de novembro. O anúncio da morte de Edson fez, mais uma vez, o planeta reverenciá-lo. Fica a marca indelével do maior de todos os tempos, aquele que fez tudo antes, os dribles, as bicicletas, os gols, as malandragens. Aquele que inspirou crianças e jovens de todos os cantos do planeta a tratar bem a bola. Aquele que popularizou o esporte e ampliou como ninguém os limites do futebol brasileiro. Fica a admiração sem fronteiras.

O DIA EM QUE EU ESCREVI COMO SE FOSSE ELE

[Depoimento de Sérgio Xavier Filho]

A primeira vez que ele apareceu foi num caixote preto, do tamanho de uma embalagem de panetone. Aquela TV portátil era o xodó da família. Ia pra praia, viajava pelo interior gaúcho, estava onde estivéssemos. Até no quarto de um hospital, em meados de 1970. A hérnia do meu pai não respeitou o calendário esportivo e ele foi para a cirurgia no meio da Copa do Mundo. Ao menos a tevezinha nos fazia companhia. E ali, naquele quarto, o meu primeiro registro na memória, aos 4 anos incompletos. Tostão dribla, cruza, bola pra Pelé. Gol de Jairzinho. Havíamos vencido a poderosa Inglaterra, campeã do mundo no ano em que eu nasci. Talvez a lembrança se perdesse na imaturidade dos meus neurônios se meu pai não tivesse tentado comemorar com a barriga recém-costurada. E o "ai, ai, ai" seguido de um sorriso sofrido sempre volta quando revejo o passe genial.

Virei jornalista esportivo, fui parar na PLACAR. Pelé estava sempre nas reportagens e retrospectivas de fotos. Havia uma contradição: apesar de muito escrevermos sobre ele, éramos prisioneiros numa cela cheia de livros, só que sem as vivências. Eu e minha turma quase não o vimos em ação. Até que, em 2000, a Abril teve a ideia de fazer um livrão lindo para aproveitar o rico acervo de fotos.

O fotógrafo Ricardo Corrêa, o designer Kiko Farkas e eu assumimos a tarefa. O plano era perseguir o inédito ou, ao menos, fotos e histórias pouco conhecidas. Foi uma delícia, uma espécie de pós-graduação em história do futebol. Livro pronto, queríamos, naturalmente, um prefácio de Pelé. Fui falar com seu braço direito de então, Celso Grellet. Ele foi prático. "Isso vai demorar e pode não ficar bom. Escreve você e a gente autoriza." Como assim? Não sou Pelé em nada, muito menos numa tentativa de tentar pensar pelo próprio. Só me restava tentar fazer o melhor.

"Muito já se escreveu sobre Pelé nestes anos todos. Foram muitos livros, filmes, ensaios nos vários continentes. Muito já se disse sobre os gols que ele marcou, os gols que não aconteceram e os títulos que ele ganhou. Poucos, aliás, entenderam por que falo dele, do Pelé, em terceira pessoa. Não é soberba nem máscara. É que seria impossível viver a vida real à sombra das glórias. Dissociar os feitos do Pelé dentro de campo do cotidiano do cidadão Edson Arantes do Nascimento é apenas uma questão de sobrevivência.

Embora minha trajetória já tenha sido contada e recontada tantas vezes, folhear este livro foi um prazer imenso. A impressão é que passei a vida inteira acompanhado de um fotógrafo. No Exército, fazendo um café na pensão de Santos, chorando nos braços de Garrincha ou marcando um gol qualquer no interior de São Paulo, está tudo lá. A descrição da emoção do dia em que embarquei para Santos, da primeira convocação, das contusões em 1962 e 1966, das despedidas, as histórias estão todas lá. As histórias de Pelé, o ídolo que o próprio Edson começou a conhecer quando tinha 6 anos de idade, quando nasceu o apelido.

Ao ler tudo isso, só posso sentir orgulho. Menos pelos dribles, gols e taças. Mais pela certeza de ter conseguido tudo fazendo a coisa certa, cumprindo o que seu Dondinho e Dona Celeste me ensinaram, culti-

INSTAGRAM @PELE

Um craque na empatia: fazia questão de olhar nos olhos de quem pedia autógrafo ou uma foto, sem jamais ter dado sinais de que se sentia acima de quem quer que fosse

vando as amizades, incentivando os companheiros. No momento em que completo 60 anos, não há melhor presente do que olhar para trás e não se arrepender de nada. E nos próximos sessenta anos espero não decepcionar aqueles que sempre acreditaram em mim. Entende?"

A aprovação foi imediata, e com entusiasmo. "Pelé adorou", me disse Celso. Nunca tive certeza de que isso aconteceu de fato, mas... Umas quatro ou cinco pessoas vieram me falar que o livro era bacana, "mas legal mesmo foi conseguir que ele escrevesse. É ele mesmo...". Não tive coragem pra contar a verdade. Mas tampouco me senti um impostor. Pelé jamais deu sinais de que se sentia acima de quem quer que fosse. Ao contrário. Em todas as vezes que cruzei com ele, chamou minha atenção a maneira como tratava o porteiro, a moça do café, o assistente da fotografia. Fazia questão de olhar nos olhos de quem pedia o autógrafo ou a foto. Era craque também no carinho e na empatia.

Sérgio Xavier Filho foi diretor de redação de PLACAR de 1999 a 2012

O CRAQUE QUEBROU A ESPINHA DO DESTINO

Em quatro jogadas geniais, contra Checoslováquia, Inglaterra e Uruguai (duas vezes), o rei quase marcou. Se a bola tivesse entrado, em qualquer uma delas, só permaneceria a beleza momentânea. Como os gols não aconteceram, são indeléveis

[Gabriel Pillar Grossi]

Pelé fez uma Copa do Mundo particular em 1970, no México, que pode ser contada em quatro lances geniais — os quase gols mais espetaculares de todos os tempos, uma ode à beleza do futebol. E, pensando bem, foi bom aquelas bolas não terminarem na rede, porque haveria algum desencanto, seria frustrante.

I

Nos acréscimos da semifinal, com a vitória garantida contra o Uruguai, 3 a 1 para o Brasil, deu-se a maior das quatro obras-primas, como se Michelangelo vestisse a amarelinha. No romance *O Drible*, um pequeno clássico da escassa literatura futebolística nacional, o escritor Sérgio Rodrigues dedica as cinco primeiras páginas à descrição dos movimentos de balé — de balé, por que não? Quem mostra a cena ao filho em uma "TV velha trambolhuda de tubo de ima-

LEMYR MARTINS

Mazurkiewicz atordoado: o rei bateu de primeira, mas a bola, caprichosa, passou ao lado da trave

FOTOS LEMYR MARTINS

gem" é Murilo, um famoso cronista à beira da morte. "O lance não deve ter mais de dez segundos, mas com as interrupções de Murilo enche minutos inteiros enquanto ele narra sem pressa, play, pause, rew, play, o que na época foi narrado com assombro." Num contra-ataque rápido, Tostão vê Pelé "se projetando da meia-direita feito um bicho, uma pantera com sangue de guepardo". O goleiro de origem polonesa Ladislao Mazurkiewicz (1945-2013) se lança à bola, fora da grande área. Pelé tem duas opções óbvias: chutar dali mesmo ou tentar um drible pela esquerda, para arrematar de canhota rumo ao gol vazio. #sqn. "Aí ele não faz o certo, faz o sublime", lê-se no livro. "Troca o caminho batido do gol, o gol certo que tinha feito tantas vezes, pelo incerto que, como veremos, jamais faria. Na TV, enquanto os dois borrões lentamente se fundem, a bola, um descalabro, passa por eles." Pelé tirou o pé e deu uma meia-lua no goleiro celeste. A redonda de um lado, o rei do outro e Mazurka atordoado, de braços abertos. Pelé, para conseguir dar a volta e reencontrar a pelota, chegou até ela com o corpo desequilibrado, de lado para a meta. O zagueiro Ancheta cor-

Em três tempos, a defesa do século: após o cruzamento de Jairzinho, a cabeçada perfeita, de cima para baixo; a bola quica no gramado e o goleiro inglês Banks, ágil como um gato, dá um tapa de baixo para cima e ela sai por sobre o travessão, de forma inacreditável

reu desesperado para tentar cobrir a meta. O camisa 10 bateu de primeira, com a perna direita. Ancheta deu um carrinho desajeitado, tropeçou e caiu. E a bola passou, caprichosa, ao lado da trave. "Pelé desafiou Deus e perdeu", escreveu Sérgio Rodrigues, pela voz de seu personagem. "Esse gol que ele não fez não é só o maior momento da história do Pelé, é também o maior momento da história do futebol. A intervenção do sobrenatural, o relâmpago de eternidade."

Foi tão espetacular que muita gente perdeu a cabeça e se atrapalhou na narrativa. Na edição em inglês de *Febre de Bola*, Nick Hornby cometeu um deslize corrigido na tradução brasileira, mas ruidoso no original, ainda que não diminua a qualidade dos livros do mais pop dos autores. Ao se lembrar daquele instante, que nunca mais lhe abandonou a retina, Hornby se referiu a Mazurkiewicz como "goleiro peruano", confundindo as fronteiras sul-americanas, embaralhado pelas consoantes do jogador uruguaio. Hornby está desculpado porque, como anota Sérgio Rodrigues, "o drible de Pelé em Mazurkiewicz quebrou a espinha do destino e o mundo degringolou".

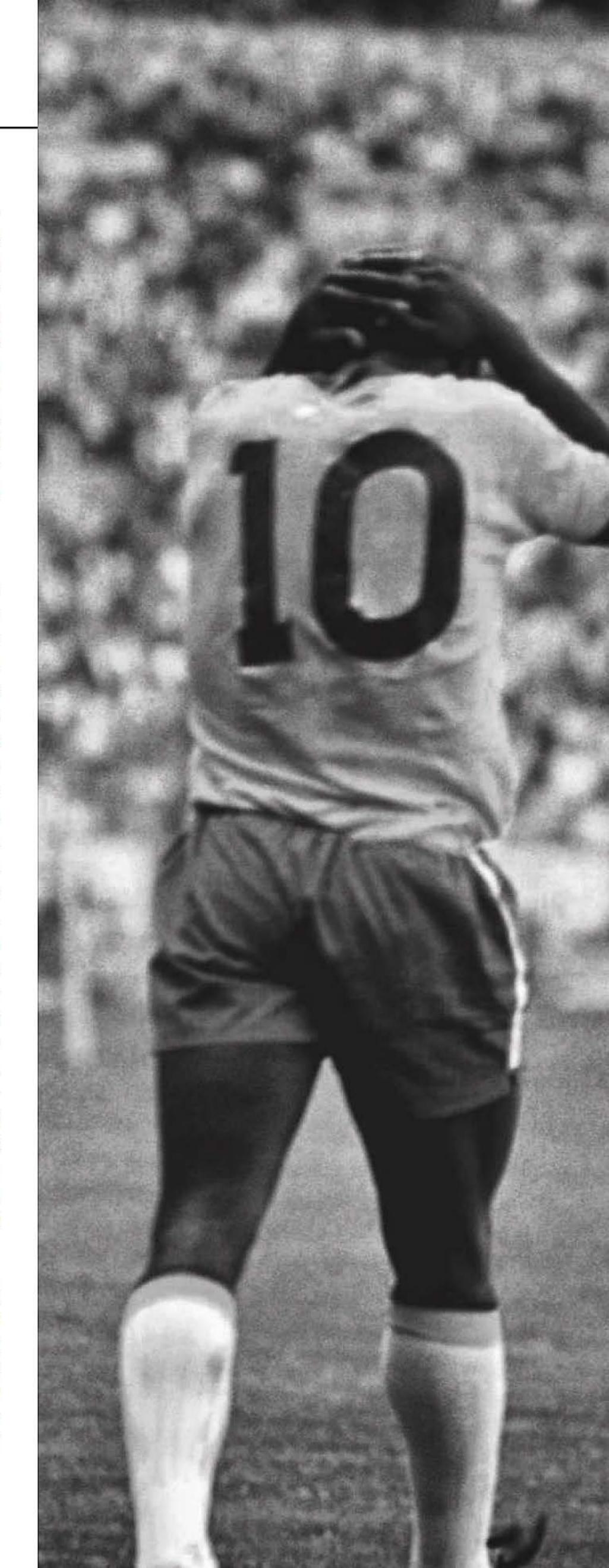
II

Naquela mesma partida contra o Uruguai, Pelé já tinha sido o protagonista de outro lance igualmente inesquecível. Quando o jogo (um dos mais tensos da Copa) ainda estava 1 a 1, o goleiro Mazurkiewicz cobrou mal um tiro de meta. A bola, baixa e com pouca força, quase bateu num zagueiro da Celeste, que estava junto à linha da grande área e precisou se abaixar para não ser atingido. Na intermediária, Pelé ajeitou o corpo e chutou com tudo, de perna direita, em voleio. A bola foi direto ao centro do gol, mas o arqueiro uruguaio se recuperou a tempo e, para conseguir manter a bola entre as duas mãos, sem oferecer rebote, precisou dar uma cambalhota — tal a força da estilingada do brasileiro.

III

Pelé já havia criado outras duas joias na fase de grupos do Mundial de 1970. Uma delas brilhou no confronto que valia a liderança do grupo 3, o "jogo do século" contra a Inglaterra. Em campo, a detentora da Jules Rimet, campeã em 1966, contra os bicampeões brasileiros, donos do título em 1958 e 1962. O prêmio pela vitória seria escapar da Alemanha Ocidental nas quartas de final. Logo aos nove minutos, o capitão Carlos Alberto, ainda no campo do Brasil, fez um lançamento em profundidade para Jairzinho, que driblou rapidamente na direção da linha de fundo e, quando a bola estava prestes a sair, cruzou alto na pequena área. Pelé, sempre ele, saltou mais alto que o zagueiro e cabeceou com força, para baixo — uma cabeçada perfeita, de antologia ("Acertei exatamente como eu esperava, a bola foi aonde eu queria que fosse", disse o rei anos mais tarde). Em apenas seis décimos de segundo, a pelota quicou no chão, a menos de 2 metros do gol, e começou a subir novamente. O goleiro já estava caído e, com enorme agilidade e destreza, deu um tapa de baixo para cima, tirando a redondinha por cima do travessão. *"Una defensa impressionante de Banks"*, gritou o narrador da TV mexicana. *"What a fantastic save by Gordon Banks"*, exclamou, aliviado, o colega inglês. De lá para cá, já se falou tudo: foi uma defesa que desafiou as leis da física, uma defesa que parou o mundo, a maior defesa de todos os tempos em um jogo de futebol. Em diversas ocasiões, Pelé disse que o lance foi mais importante que os gols que ele fez na Copa do México. Banks, por sua vez, sem-

O camisa 10 se lamenta após tentar o gol do meio de campo, contra a Checoslováquia: nas palavras definitivas de Nelson Rodrigues, "Pelé nunca foi tão alto no seu gênio"

LEMYR MARTINS

pre reconheceu que aquele foi um grande momento de sua carreira (que incluiu a conquista da Copa de 1966, jogando em casa). Em 2016, ele relembrou o lance mágico. "Em todo o mundo as pessoas ainda se impressionam com aquela defesa. Se eu soubesse quão importante aquele lance seria até hoje, não teria impedido o gol. Até hoje eu me pergunto e não consigo responder como aquilo aconteceu. Me desculpe, Pelé." Banks morreu aos 81 anos, em fevereiro de 2019.

IV

Por fim, o derradeiro capítulo desta história, aqui contada de trás para a frente, foi escrito logo na estreia, contra a Checoslováquia. As duas equipes voltaram do intervalo com o placar marcando 1 a 1. O dramaturgo e cronista Nelson Rodrigues descreveu a cena a seu modo, superlativo e preciso a um só tempo. "Recomeça a partida e Pelé ainda estava no campo brasileiro. Apanha a bola. E, súbito, recebe a visita do próprio gênio. Viu que o goleiro checo estava fora de posição, muito adiantado. Fez, então, o que não ocorreria a ninguém. De onde estava, deu um prodigioso tiro de cobertura. A TV, que não sabe fantasiar e tem o escrúpulo da mais exata veracidade, descreveu-nos o lance." Do momento em que o 10 chutou, de dentro do círculo central, até o momento em que a pelota voltou a tocar o gramado, 60 metros à frente, passaram-se exatos três segundos. Em 2014, a TV Globo digitalizou as imagens e, graças a um programa de computador, mostrou que a bola alcançou 7,3 metros de altura no ponto mais elevado da parábola, a uma velocidade de 105 quilômetros por hora. Sem dispor dessas informações, o narrador sentenciou, ao vivo, pelo rádio: "Quase, quase, quase, quase, quase que ele derruba este estádio se ele faz o gol. Seria o gol maior da Copa".

Nelson Rodrigues traduziu o lance assim: "Por um momento, ninguém entendeu. Por que Pelé não passou? Por que atirava de tão espantosa distância? E o goleiro custou a perceber que era ele a vítima. Seu horror teve qualquer coisa de cômico. Pôs-se a correr, em pânico. De vez em quando, parava e olhava. Lá vinha a bola. Parecia uma cena d'*Os Três Patetas*. E, por um fio, não entra o mais fantástico gol de todas as Copas passadas, presentes e futuras. Os checos parados, os brasileiros parados, os mexicanos parados — viram a bola tirar o maior fino da trave. Foi um cínico e deslavado milagre não ter se consumado esse gol tão merecido. Aquele foi, sim, um momento de eternidade do futebol. Pelé nunca foi tão alto no seu gênio. Mas por que fez isso? Simplesmente, ali o rei se vingava das nossas vaias".

CAMINHANDO SEM LENÇO NEM DOCUMENTO

[Marcelo Duarte]

Era a minha primeira vez com Pelé. Mesmo tendo trabalhado oito anos na revista PLACAR e até então outros quatro na ESPN Brasil, nunca havia aparecido uma oportunidade de entrevistar o rei. Carregava isso como uma mácula no meu currículo. Por isso, o convite para realizar uma entrevista para a revista *Homem Vogue,* no verão de 2006, com fotografias de Mauricio Nahas, surgiu como a chance da redenção. Mas, ao mesmo tempo, como um desafio. O que faltava ainda perguntar a Pelé? Saquei da pasta um exemplar do livro *Eu Sou Pelé,* a primeira autobiografia dele, escrita em 1961 por Benedito Ruy Barbosa. Comecei lendo alguns trechos do capítulo final, em que Pelé fazia previsões sobre o seu futuro:

"Pretendo jogar, como profissional, apenas até o ano de 1965. Depois, se Deus quiser, serei apenas um amador, que jogará por puro prazer, quando e onde lhe convier. (...) Serei capaz, até, de voltar a participar de peladas de rua, quando voltar a Bauru, sem dar a mínima importância aos comentários que possam fazer. Vou viver, enfim!".

E então comecei a fazer algumas perguntas.

Lendo isso agora, Pelé, dá para dizer que tudo o que você planejou para a sua vida deu errado? Essa previsão de jogar até 1965 era baseada no tempo em que meu pai jogou. Ele jogou durante dez, doze anos e aí se machucou. Por isso, eu não podia imaginar que iria disputar quatro Copas do Mundo. Acontece que, na Copa de 1962, o Brasil foi bicampeão e eu me machuquei. Veio a de 1966 e eu falei que seria a última, mas eu me machuquei de novo. Aí pensei: "Caramba, eu vou me despedir sem jogar mais uma Copa?". Em 1970, eu estava com boas condições físicas. Na Copa seguinte, em 1974, também estava bem. Até me chamaram para jogar a Copa da Alemanha. Só que eu decidi parar.

Teve alguma coisa que a fama não lhe deu? Olha, a gente precisa separar a fama das coisas materiais. Sou conhecido no mundo todo. Por isso, o público pensa que sou milionário, bilionário. Na realidade, não sou. Tudo o que eu tenho ganhei do futebol. Dá para cuidar da minha família — acho que até a próxima geração. Mas não sou milionário.

Quanto dinheiro você tem agora aí no bolso? Dinheiro? É difícil andar com dinheiro no bolso porque eu não tenho muito... *(risos).* Eu ando com cartão de crédito, com cheque, mas eu ando com pouco dinheiro. Como eu tinha esse compromisso no estúdio, para fotografar, eu nem trouxe a carteira.

E documento? Já esqueceu alguma vez e teve de explicar quem era você? Esquecer, nunca esqueci. Mas já passei por situações engraçadas. Estava indo do Japão para Nova York. Na hora de uma escala, no Havaí, algumas crianças se aproximaram para pedir autógrafo. Eu precisava de algo duro para apoiar o papel e fiz isso em cima do meu passaporte. Entreguei o papel e a caneta, e o meu passaporte foi embora junto. Nos Estados Unidos, dificilmente eles deixam entrar sem o passaporte. Foram chamar o chefe

INSTAGRAM @PELE

Com a caranga, um Mercedes : “Dirijo pouco, mas de vez em quando eu pego o carro e vou para Santos. Procuro andar sempre na lei”

de polícia e eu expliquei o que tinha acontecido. O policial disse: “Quer saber de uma coisa? O meu filho adora *soccer* e você vai entrar”.

Você anda sempre com sua carteira de identidade? Sempre. E com a minha carteira de motorista também. Dirijo pouco, mas de vez em quando eu pego o carro e vou para Santos. Procuro andar sempre na lei.

Qual foi a última vez que você foi ao supermercado? Na semana passada, eu estava em Nova York. Passei lá para ver a minha filha Kelly e para conhecer meu netinho mais novo. Fomos comprar uma carne de que eu gosto muito e que é difícil de encontrar aqui. Chama-se ribs, uma carne bem macia. Comprei também endívias, uma mistura de repolho com alface. Uma ou outra pessoa vinha pedir autógrafo, mas muito discretamente. Seria bom se eu pudesse fazer isso no Brasil.

No Brasil, você não consegue sair de casa para essas coisas triviais? No Brasil, não. Bom, em Santos, eu fui a uma padaria, perto do Canal 5, e passei para comer um pastel na Ponta da Praia na semana retrasada.

Você já pediu autógrafo para alguém? Pedir para mim eu nunca pedi. Geralmente, os ídolos vêm e pedem primeiro para mim. Mas eu já pedi para o meu filho, já pedi para a minha filha, para amigos. No GP Brasil de Fórmula 1 deste ano, eu entreguei a taça para o Michael Schumacher. As minhas filhas, um monte de amigos, todo mundo pediu autógrafo dele. Quando fui para a Copa, a filha da Assíria me pediu os autógrafos do Kaká, do Robinho, que é a paixão dela. Eu vou lá e peço.

Assim era o Pelé.

Marcelo Duarte foi diretor de redação de PLACAR de 1995 a 1998

ARQUIVO/AG. O GLOBO

19 de novembro, quarta-feira, 23h23, no Maracanã: a pompa de um momento celebrado como a chegada do homem à Lua

"SE TIVESSE VAR, NÃO SERIA PÊNALTI"

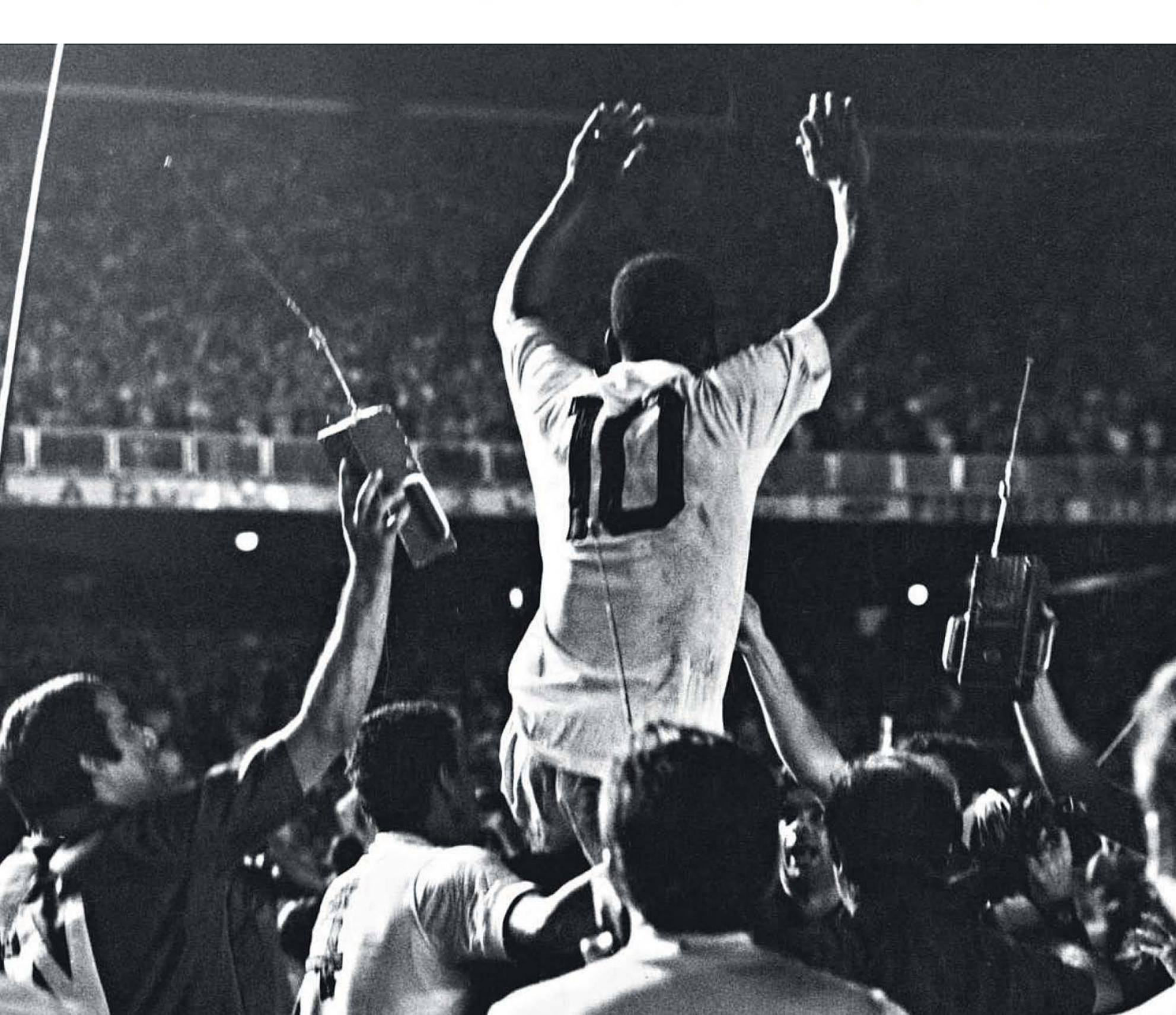
O passeio sentimental de Pelé àquela noite de 1969, a do milésimo, mostra como os grandes feitos perduram — e como o Brasil pode piorar

[Luiz Felipe Castro e Alexandre Senechal]

Carlos Drummond de Andrade já tinha cantado as dores dos ombros que suportavam o mundo, escrevera sobre João que amava Teresa, que amava Raimundo, tratara de José, para quem a festa acabara — e então aproximou-se o gol 1 000 de Pelé. Numa crônica de 28 de outubro de 1969, publicada no *Jornal do Brasil*, ele definiu: "O difícil, o extraordinário, não é fazer 1 000 gols, como Pelé. É fazer um gol como Pelé". Um poeta, o maior deles, lidando com futebol? Passados mais de cinquenta anos, difícil mesmo é medir a relevância estrondosa daquela marca, estabelecida em 19 de novembro, uma quarta-feira, às 23h23 — um mísero golzinho, de pênalti, celebrado no Brasil com a mesma pompa e circunstância que o planeta oferecera à chegada do homem à Lua, quatro meses antes? O milésimo representava o apogeu do rei do futebol, o selo definitivo de mito, antes ainda da atuação que o coroaria eternamente, o espetacular desempenho com a camisa da seleção na Copa

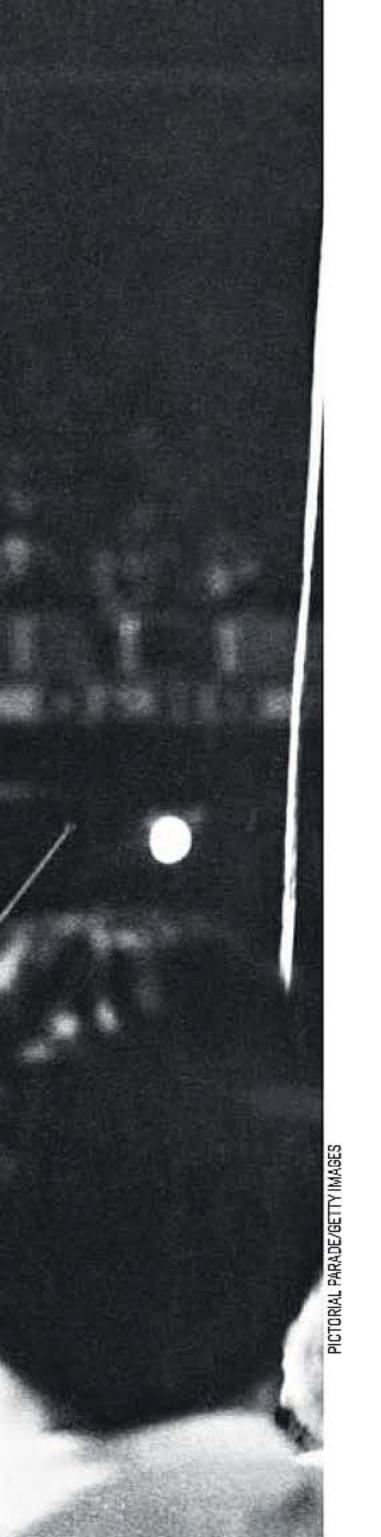
do tri, em 1970. E havia o ambiente político, o cotidiano esmagado pela ditadura militar — a festa em torno do camisa 10 do Santos, naquele contexto, seria um respiro.

E foi. Na edição seguinte ao tento sofrido pelo goleiro argentino Andrada, do Vasco da Gama, aos 34 minutos do segundo tempo — o Santos venceu por 2 a 1, de virada, em partida pelo torneio Roberto Gomes Pedrosa, o equivalente ao Brasileirão daquele tempo —, a revista VEJA circulou com uma reportagem de capa atrelada a Pelé. PLACAR ainda não havia sido lançada. O primeiro parágrafo: "O pênalti foi o melhor prólogo para a grande festa. A torcida que viu o jogo no Maracanã, quem assistiu à partida pela televisão, quem ouviu pelo rádio, jornalistas, fotógrafos, cinegrafistas, dirigentes, jogadores, todos puderam preparar-se diante da inevitabilidade do gol número 1 000". Como num filme de suspense, houve longa perseguição ao ponto culminante. Quinze dias antes, em jogo contra o Santa Cruz, Pelé fez dois gols — saiu de 996 para 998. Apenas 48 horas depois, contra o Botafogo da Paraíba, em João Pessoa (amistoso marcado às pressas, caça-níquel), no dia 14 de novembro, ele converteu um de pênalti (o 999) e terminou a partida como golei-

ro. "Eu não queria aborrecer os baianos que me esperavam para um jogo oficial, o do festejo do milésimo, então parei de chutar em gol", diria Pelé. "Tinha medo que os jogadores do Botafogo saíssem da frente da bola e a deixassem entrar." Contra o Bahia, em Salvador, em 16 de novembro, deu-se o 1 a 1, sem a marca do rei. E então veio o Maracanã. Estudiosos do futebol, afeitos a histórias reversas, depois recontariam todos os gols de Pelé, para estabelecer uma correção que nunca colou, porque estragaria a mágica: o 1 000 teria vindo antes, talvez no Recife, talvez em João Pessoa.

Como todo grande instante indelével, e aqueles anos 60 foram pródigos deles, o gol 1 000 também ficou atrelado a uma frase que se perpetuou. Depois de a bola entrar à esquerda de Andrada, Pelé caminhou até a rede, pegou a pelota, beijou-a e, cercado por uma multidão de microfones, avisou: "Não quero festas para mim. Acreditem que eu acho muito mais importante ajudar as crianças pobres, os necessitados. Vamos pensar no Natal dessa gente toda". Foi o primeiro pronunciamento, digamos assim, político de Pelé. É o caso de medi-lo a olhos contemporâneos. As crianças que passavam fome eram retrato de um país desigual que, no índice Gini, usado para medir a pobreza, estava em 0,581. Piorou. Hoje está em 0,625. Em entrevista a VEJA, em 2019, Pelé, aos 79 anos, entrou num túnel do tempo particular para justificar o famoso comentário social. "Dias antes, em Santos, vi uns garotos tentando roubar uns carros. Eu disse: 'O que vocês estão fazendo aí, moleques?'. Eles ainda tentaram se justificar, dizendo que estavam mexendo só com veículos de São Paulo. Eu disse que não podiam roubar ninguém, caramba. Os garotos nem ficaram com medo. Pode um negócio desse? Por isso veio a mensagem do gol 1 000." Para Pelé, fosse nos tempos de agora, seria mais dramático, "porque está todo mundo com arma, muito mais violento". Instado a aproximar ainda mais aquela noite mágica do cotidiano que cercava seus derradeiros anos de vida, o eterno craque fez uma revelação que, ela sim, representaria um terremoto revisionista, um irresponsável desmancha-prazeres: "Se tivesse VAR, não seria pênalti".

PICTORIAL PARADE/GETTY IMAGES

Depois de ser erguido ao céu, a frase que nunca mais descolaria de sua trajetória: "Não quero festas para mim. Acreditem que eu acho muito mais importante ajudar as crianças pobres, os necessitados"

PICTORIAL PARADE/GETTY IMAGES

OS SEGREDOS DO SUDÁRIO CANARINHO

[Maurício Barros]

No celular dos meus filhos, já virei sapo e jacaré — com um ganho estético em relação à realidade. Os aplicativos fazem de tudo com uma imagem. Distorcem, transformam, acabam com espinhas, pés de galinha e papadas. Há muito que qualquer imagem mais inusitada arranca imediatamente um "será que é montagem?".

Nos anos 1970 não era assim. Havia rudimentos de trucagem, mas nada parecido com o mundo pós-Photoshop. Uma foto era o que era, principalmente no jornalismo. Valia a perícia do autor: luz, enquadramento, ângulo. Naquele outubro de 1976, quando a química fez surgir a imagem no papel, Luiz Paulo Machado, o fotógrafo colaborador de PLACAR, viu que tinha em mãos algo especial. E olha que Pelé nem estava dando uma bicicleta ou celebrando um gol com seu tradicional soco no ar. Parecia reclamar de alguma coisa, uma tabela não correspondida, sabe-se lá... O que havia de estupendo era uma enorme mancha de suor no peito, formando um perfeito coração. Coisa de outro mundo, como Pelé.

Na redação, em São Paulo, o diretor Jairo Régis achou a composição tão fabulosa que preferiu guardá-la para uma ocasião especial — que surgiu doze meses depois, quando PLACAR marcou a despedida definitiva do craque com um encarte comemorativo, anexado à edição 389 e batizado de "Documento histórico: 22 anos de Pelé". Na capa do especial, editado por Juca Kfouri, a foto extraordinária de Machado, cortada para dar destaque ao rei. A partir dali, a imagem emblemática rodou o mundo. Um coração de suor no peito. Um milagre. Um sudário! E Pelé ainda tinha nascido em Três Corações, Minas Gerais.

Mas vamos viajar no tempo. No fim de 2013 eu ocupava a posição que um dia fora de Jairo e Juca quando chegou a notícia do lançamento de um livro comemorativo da carreira do ex-jogador. Não era um livro qualquer. Impresso em Verona, Itália, com tiragem numerada de 1 283 unidades (o número de gols, é claro), capa e estojo revestidos de seda e lombada em couro, acabamento artesanal de um estúdio de Turim. A intenção dos editores era conquistar endinheirados de olho na "compilação definitiva" das melhores fotos do Atleta do Século. No Brasil, o livro foi lançado em um evento pomposo no Museu da Imagem e do Som, em São Paulo, com Pelé e Machado presentes. O preço é salgado mesmo sem nenhuma atualização, passados oito anos: 3 600 reais na edição mais "simples" e 5 500 reais na edição king. O bônus da mais cara era, justamente, a lendária foto do coração impressa com pigmentos minerais, em papel 100% algodão, autografada pelo fotógrafo e pelo rei. Coisa pra enquadrar e pôr na parede. Ou guardar no cofre.

Ao ver a foto, no material de divulgação, uma pergunta não me saía da cabeça. Eu, peladeiro acostumado a suar em bicas várzea afora, precisava saber como era possível formar-se um coração de suor num peito humano. "Essa foto é nossa, é de PLACAR. Vamos contar a história dela, explicar essa mágica?", disse ao repórter André Carvalho, que fez aquele semblante de quem se encanta com uma pauta e garantiu: "Deixa comigo!".

O resultado foi um texto de cinco páginas, publicado na edição 1386, de janeiro de 2014, explicando como

LUIZ PAULO MACHADO

O coração molhado: a foto era tão boa que ficou guardada por um tempo e, só em 2014, teve seus detalhes revelados

o tecido 100% algodão da camisa da seleção, com os punhos e a gola apertados (o que retinha os líquidos), o peito cabeludo do rei e o fato de ele estar, naquele final de carreira, mais “cheinho” e suando além da conta permitiram que surgisse aquele quadro. A cereja do bolo: ainda corrigimos o livro! Até então, todos acreditavam que o jogo em questão era o amistoso Brasil 2 x 2 Iugoslávia, realizado em 18 de julho de 1971, no Maracanã. O editor Marcos Sérgio Silva tinha visto, no Departamento de Documentação da Abril, a foto sem cortes, e percebeu que no canto esquerdo aparecia parte do uniforme de um jogador do Flamengo. A confusão sobre a data se deu por culpa da própria revista, que, ao guardar o slide na gaveta para a tal “data especial”, não seguiu os protocolos de catalogação. Marcão estava certo. O jogo da foto foi um amistoso em que o Brasil perdeu para o Flamengo por 2 a 0. Pelé jogou apenas meio tempo, mas deixou o coração em campo.

Maurício Barros foi diretor de redação de PLACAR de 2011 a 2014

EU QUERO SEGU

Em 2018, na Copa do Mundo da Rússia: Ben *(à esq.)* era o cara encarregado de dizer "agora chega", "agora não"

ARQUIVO PESSOAL

RAR A SUA MÃO

Ben Brobby nasceu em Acra, em 1963. Foi guarda-costas de Pelé entre 2010 e 2018 e hoje vive na capital ganesa, onde dirige a Arslan Africa Security, sua empresa de proteção pessoal

Por quase dez anos fui o guarda-costas do Maior de Todos. Aqui vão algumas lembranças dos dias mais incríveis da minha vida

[Por Ben Brobby Texto: Christian Carvalho Cruz]

É nesta vila de pescadores chamada Kokrobite, em Acra, que eu reencontro meu amigo Pelé todos os dias. Eu vivo aqui, a alguns passos da praia, desde que voltei de Londres. Um lugar calmo, de areias claras, pessoas simples, bom para caminhar, comprar peixe fresco e tomar um trago. Tenho uma vista ampla do oceano. De manhã cedo eu gosto de ir até a beira do mar, molhar meus pés e contemplar a imensidão entre Gana e o Brasil: as marolas levam a minha saudade, a minha tristeza, e trazem as recordações dos melhores anos da minha vida, quando tive a sorte de ser o guarda-costas do rei do futebol.

Tudo começou em 2010, na festa de 70 anos dele. Estávamos no Mandarin Oriental Hotel, em Manhattan, e quando o vi pessoalmente pela primeira vez foi algo mágico e perturbador. Eu fiquei fascinado, quase em transe. Também estavam lá o Carlos Alberto Torres, o Giorgio Chinaglia e o pessoal do velho Cosmos. Mas acho que naquele momento, do Bronx à Wall Street, ninguém mexia tanto com o ambiente como o Pelé. De longe eu o observava, ouvia a sua voz poderosa. Uma mística envolvia todo o saguão, algo elevado, e até hoje eu não consigo explicar isso direito. Foi difícil manter a minha discrição e a minha racionalidade, as características profissionais que tinham me levado até aquele emprego.

Eu vinha trabalhando como segurança pessoal do empresário inglês Paul Kemsley, que foi vice-presidente do Tottenham e cuidou da carreira do cantor Boy George, entre outras atividades. Em 2010, o Paul comprou o Cosmos e os direitos da marca Pelé e um dia me chamou à sala dele:

— Ben, que tal ir cuidar do Pelé? Eu preciso de alguém como você para garantir que ele esteja sempre bem.

O Paul me conhecia fazia seis anos. Acho que ele enxergava no meu jeito uma mistura de suavidade,

lealdade e rigor que poderia cair bem no trabalho de guarda-costas do Pelé. Eu nasci em Gana, fui criado por meu avô, um funcionário público muito calmo que gostava de jogar damas, e me mudei para Londres aos 17 anos. Estudei tecnologia da informação. Mas um dia vi no jornal o anúncio de um curso de segurança pessoal oferecido por ex-militares do Exército britânico. Fiz o treinamento de seis semanas, gostei, voltei à faculdade para estudar gerenciamento de riscos, e foi assim que entrei no ramo. Eu sempre fui fã de futebol, torcedor do Arsenal, mas jamais imaginei que viveria dias incríveis com o maior de todos os tempos.

Preciso dizer: apesar de mágico, não era um trabalho fácil. Basicamente porque o Pelé era o Pelé, um sujeito adorável, educado, que nunca dizia "não" ou "agora chega", mesmo se estivesse caindo de cansaço ou a situação, pelo acúmulo de pessoas em volta dele, pudesse se tornar perigosa. Então eu era o cara encarregado de dizer "não" e "agora chega" pelo Pelé. Mas ele não conseguia. Em qualquer lugar do mundo, se visse um grupo de brasileiros se aproximar, podia ser de madrugada, depois de um dia exaustivo de trabalho, me dizia "Pode deixar, Ben. Vamos tirar umas fotos e aí a gente vai embora". Agora mesmo sou capaz de ouvir a voz dele me dizendo "Pera, pera, pera", pra gente parar mais uma vez e ele poder dar mais um autógrafo. O Pelé não resistia a um grupo de brasileiros, principalmente — espero que a Marcia não esteja lendo — se entre eles houvesse uma loira bonita.

Houve apenas uma ocasião em que as coisas realmente ficaram feias. Foi numa convenção de fazendeiros no interior do Brasil. Voamos para lá em um jatinho particular e quando descemos eu vi que estava tudo caótico. Gente de mais, estrutura de segurança de menos. Assim que o Pelé terminou o trabalho, fomos para um quartinho que tinham montado para ele tomar um lanche e descansar. Era uma dessas estruturas pré-montadas de metal e madeira. A multidão começou a cercar o local. Eu olhava pra fora e via mais e mais gente chegando. Não dava mais pra gente sair. E eu temia que as pessoas entrassem. Então, por rádio, pedi que o motorista encostasse o carro na parte de trás desse quartinho. Assim que ele chegou, quebrei um pedaço da estrutura com socos e pontapés e tirei o Pelé por ali. Ele me via chutando a parede e dizia "Calma, Ben, não fica nervoso. Calma, Ben". Foi um sufoco.

Na maioria das vezes, no entanto, tudo corria bem. Eu chegava aos lugares dois ou três dias antes do Pelé e cuidava de todo o planejamento. Por onde ele ia entrar, sair, estudava os trajetos, calculava o tempo dos deslocamentos, essas coisas. Meu trabalho era esse: fazer com que as coisas fluíssem de forma suave, tranquila,

No Festival de Cannes, nos anos 1980: todos os olhos buscavam o brasileiro

LEMYR MARTINS

para que o Pelé ficasse confortável e eu não precisasse aparecer mais do que ele. No fim do dia, sentávamos para jantar, conversar e contar piadas. Que saudade eu sinto daqueles dias...

O Pelé ganhava muitas garrafas de uísque, relógios, e de vez em quando me dava essas coisas de presente. Também tenho uma camisa da seleção brasileira autografada por ele, claro. Mas, numa noite em Paris, estávamos indo para o quarto do hotel e ele me deu o maior presente de todos: gravou um vídeo em que ele canta *Despacito* pra mim, alterando a letra: "Despacito vamos bailar e o Ben vai ajudar. Vamos Ben, vamos bailar, despacito". Tenho o vídeo no celular e o revi neste instante. É uma lembrança simples e afetuosa: o Pelé, ao meu lado, rindo ao fim de um dia de trabalho.

A propósito, só vi o Pelé triste uma vez. Em fevereiro de 2012 nós estávamos no Gabão, tomando café da manhã, quando o noticiário na TV anunciou a morte da cantora Whitney Houston, nos Estados Unidos. Ele gostava muito da Whitney, contava que ia com ela à discoteca Studio 54, em Nova York. Ao ouvir aquilo e depois ler sobre as circunstâncias em que tinha acontecido, o Pelé se fechou. Passou o resto do dia em silêncio, amuado, muito introspectivo. Me lembrou um pouco o semblante que eu via em seu rosto nos momentos antes de ele pisar num campo de futebol. Qualquer que fosse o motivo, receber uma homenagem, dar o pontapé inicial numa partida amistosa, ou entregar um troféu, nessas horas o Pelé, mesmo depois de décadas aposentado como jogador, estava invariavelmente sério e pensativo.

Afora isso, ele sorria o tempo todo. Às vezes se sentia cansado, pois já era um senhor de mais de 70 anos, e ainda assim mantinha o bom humor. Nos eventos muito chatos, muito longos, em que os anfitriões vinham a todo momento à mesa dele para tirar foto, apresentar um amigo, interrompendo o jantar, o Pelé cochichava pra mim: "Sabe, Ben, nessas horas eu queria ser o Edson pra tomar o meu café antes de esfriar". Ele falava numa boa, com um pouco de pesar, mas nunca com raiva. Eu me entristecia, porque meu sonho era poder ajudar o Pelé a tomar o seu café quentinho.

Nós nos vimos pela última vez em 2018, na Copa da Rússia. E hoje, molhando meus pés no Atlântico, eu penso no meu amigo metido numa encrenca, sem que eu esteja por perto para cuidar dele: ele no céu tentando tomar o seu café, cercado de pessoas querendo uma foto ou um autógrafo. Marilyn Monroe, John Lennon e Da Vinci são os primeiros da fila.

Até breve, querido Pelé.

Colaborou Miguel Geiling Cruz

Obrigado, Pelé

MANOEL MOTTA

Henfil vê
BRASIL 4 x 1 TCHECOS
BLOMP!
EU AVISEI PRO PELÉ NÃO FICAR CAPRICHANDO. DEMAIS...